

Cláudia Mariza Mattos Brandão
Lucas Machado Campos
(Organizadores)

ARTEIROS DO CODITIANO:
ensino, pesquisa e extensão na formação docente
vol. II

1ª ed.

Florianópolis
Editora Caseira
2017

SUMÁRIO

CONVIVENDO E APRENDENDO - Prefácio.....	5
IMAGEM, MEMÓRIA E LUGAR ATRAVÉS DO JOGO “UM LUGAR AO CUBO”.....	11
O SER PROFESSOR EM MEIO AOS ATRAVESSAMENTOS COTIDIANOS.....	19
POP ART, FROTAGEM E XILOGRAVURA COMO FONTE DE REFLEXÃO SOBRE IMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE.....	25
AARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO.....	33
MÁSCARAS IDENTITÁRIAS.....	39
RELAÇÃO EXTRAMUROS: ARTE E IMAGEM/ IDENTIDADE ENTRE ALUN@S, PROFESSOR E FUTUROS PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.....	47
RELATOS DE FUTUROS(AS) PROFESSORES(AS)....	53
EXPLORAÇÃO COM ARGILA E PRODUÇÃO DE IMAGENS EM REDES SOCIAIS.....	61

CONVIVENDO E APRENDENDO

PREFÁCIO

O cenário da educação contemporânea brasileira foi sacudido no ano de 2015. Refiro-me à reação, até então inédita, de estudantes secundaristas frente à proposta do Governo do Estado de São Paulo, de reorganização da rede pública de ensino. Isso implicaria no fechamento de aproximadamente 100 unidades escolares, resultando na transferência de milhares de pessoas. Mas os estudantes e militantes do movimento secundarista não deixaram isso passar sem reagir, e eles assumiram o controle da situação com a Ocupação¹ dessas escolas, espaços esses que, embora de convivência cotidiana, não conseguiam estabelecer vínculos de pertencimento.

A juventude paulista demonstrou grande força e resistência na luta. Eles seguiram unidos e organizados, contando com o apoio das comunidades locais, e com uma rede de divulgação instantânea. Dedicaram-se à produção de tutoriais em mídia para orientar seus parceiros de outras escolas a registrar e divulgar os acontecimentos, como, por exemplo, o abuso e as tentativas de deslegitimação do movimento por parte do policiamento. Sim, a reação do Estado muitas vezes foi agressiva. A força foi usada, mas não foi suficiente para demovê-los de seu objetivo, e o Estado acabou recuando.

1 Sobre o assunto recomendo o documentário **ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile!**, de Carlos Pronzato, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw> O cineasta argentino, que mora no Brasil desde 1989, já era conhecido por seu documentário *A Rebelião dos Pinguins* (2007), que fala sobre a mobilização estudantil ocorrida no Chile.

Em 2016, inspirados nas iniciativas paulistas, os movimentos de OCUPAÇÃO de escolas de ensino fundamental e médio por grupos de estudantes dominaram novamente os noticiários nacionais.

Com espanto testemunhamos os próprios alunos organizados numa nova autogestão escolar, mesmo sem movimentos estudantis organizados ou partidos encabeçando as mobilizações espalhadas pelo país. Novamente a repercussão foi grande e a força das palavras da juventude reverberou, como no discurso de Ana Júlia², proferido na Assembleia Legislativa do Paraná, em 26 de outubro de 2016. A fala emocionante dessa aluna, de 16 anos, do Colégio Estadual Manuel Alencar Guimarães, representou simbolicamente a reação das mais de 850 escolas e institutos federais ocupados no estado, contra a PEC 241.

As sucessivas manifestações de uma juventude descontente com a qualidade do ensino e das instalações de espaços frequentados por eles cotidianamente, se espalhou pelo país. Elas colaboraram para reflexões sobre o distanciamento estabelecido por instituições educativas que não tem como prática convocar seus estudantes para uma participação ativa na construção das rotinas escolares. O problema (para os legisladores) é que eles não aceitam mais acatar determinações impostas “de cima para baixo”, ficando claro que agora eles querem ser incluídos, presentes e participativos.

Sabemos que as palavras de Ana Júlia não ecoaram na consciência dos parlamentares, muito menos no

2 Discurso disponível em https://www.youtube.com/watch?v=pUQLs9y_fx4

Estado brasileiro, entretanto, tais ocupações, mesmo sem conseguir atingir plenamente seus objetivos originais, foram pedagógicas para todos os envolvidos. Elas nos ensinaram que fortalecer e apoiar essa garotada nas ocupações é apoiar a cidadania ativa. As ocupações nos mostraram claramente que educação não se faz com PEC's e MP's, mas sim com diálogo, pois OCUPAR é resistir ao desmonte da educação brasileira!



Figura 1: **Cláudia Brandão.**
Colégio Estadual Felix da Cunha, fotografia, 2016.

E para nós, envolvidos no projeto *ARTEIROS DO COTIDIANO*³, ficou claro que frequentar as ocupações é aprender com os estudantes que nem tudo pode ser entregue sem resistência.

Quando começamos as atividades a situação na escola Felix da Cunha era normal, entretanto, logo tudo mudou (Figura 1) e a escola foi ocupada por seus estudantes. Tínhamos dois caminhos a seguir: desistir ou persistir, mesmo na adversidade, e foi esse o escolhido! Embora com um número menor de estudantes frequentando as oficinas oferecidas pelos acadêmicos, os resultados foram surpreendentes. Realmente a experiência proporcionou o desenvolvimento de uma aprendizagem no contexto da participação socialmente ativa. Tanto acadêmicos como escolares experimentaram o mundo de modo significativo, interpretando artisticamente fatos cotidianos adversos.

A motivação era a vivência de uma formação pela investigação e reflexão sobre a ação, cujas estratégias se sustentassem pela pesquisa, teórica e estética, de modo que no processo se ampliasse o sentido de grupo e as capacidades de sistematização da ação e do pensamen-

3 O projeto de extensão *Arteiros do Cotidiano* (Centro de Artes/UFPel) iniciou as suas atividades em 2010, como uma complementação às atividades presenciais das disciplinas Artes Visuais na Educação II e III. Ele foi elaborado visando estimular a relação dos acadêmicos com a realidade escolar do município de Pelotas, privilegiando processos (auto)formadores. O seu objetivo geral é o de criar um espaço de formação teórico/prático, aos acadêmicos, com vistas ao desenvolvimento de práticas pedagógicas fundamentadas no contato direto com a realidade, motivando estudantes do ensino fundamental a expressarem e representarem ideias, conceitos, emoções e sensações por meio de poéticas individuais e coletivas.

to. E o contato direto com os escolares, suas angústias e desejos, proporcionou ampliarmos as nossas discussões em sala de aula sobre a realidade da educação no nosso estado em especial.

Os acadêmicos, muitos vivendo a sua primeira experiência numa escola, foram colocados de uma hora para outra no “olho do furacão”. E isso fez com que eles repensassem a sua própria condição de estudantes universitários, testemunhas das dificuldades também enfrentadas pelas universidades brasileiras. O que a princípio seria um projeto de práticas em arte/educação se ampliou, caracterizando-se como um repensar dialógico sobre o país que se quer construir. Esse foi o nosso principal ensinamento em 2016!

Desta feita a extensão universitária possibilitou participações ativas no enfrentamento de problemas reais, e que continuam se repetindo cotidianamente até hoje. Este livro reúne um conjunto de reflexões teóricas e relatos sobre tais experiências, percepções e reflexões de docentes em formação, que testemunham espantados e atônitos o processo de desmonte da educação brasileira. A nossa intenção é a de compartilhar com os leitores nossas opiniões, leituras e experiências, contribuindo para a ampliação das discussões sobre o ensino contemporâneo de Artes Visuais nas escolas brasileiras.

Prof^ª Cláudia Brandão
Coordenadora do Arteiros do Cotidiano

IMAGEM, MEMÓRIA E LUGAR ATRAVÉS DO JOGO “UM LUGAR AO CUBO”

Elivelto Alves de Souza⁴

Num mundo cada vez mais veloz, submetidos à rotina e ao cotidiano anestesiado da vida contemporânea, pouco temos nos permitido tempo para estar e perceber o mundo com um olhar sensível aos detalhes que nos cercam. A aceleração massificadora, em especial refletida na forma mecanizada das pessoas transitarem em espaços de passagens como corredores, ruas, calçadas, praças e aeroportos evidencia a cegueira em relação ao que existe nos espaços entre a partida e a chegada (AUGÉ, 2012). Atrelada à aceleração, a falta de experiência lúdica na vida atual potencializa o enrijecimento das relações humanas, tornando-as cada vez mais breves e fugazes, assim como limita a capacidade de diálogo e condição de alteridade.

Será que percebemos o que nos acontece? O quanto nos permitimos a brincadeiras e a trocas de experiências com quem nos cerca? Onde está localizado o lazer no nosso cotidiano? A arte, frente a esse cenário, tenta se colocar como um refúgio do poético que, como atitude de resistência, propõe uma abertura para o sensível, promovendo experiências que buscam religar o sujeito tanto ao tempo presente como à realidade do mundo.

Através do projeto de extensão *Arteiros do Cotidiano* desenvolvi uma atividade de mediação artística com alunos do quinto ano da escola Felix da Cunha.

4 elivelto.souza@gmail.com

A atividade propunha relações reflexivas entre espaço, memória e imagem através da ação de um objeto-lúdico chamado *Um Lugar ao Cubo*, jogo desenvolvido no curso de Artes Visuais (UFPel), na disciplina de Jogos e Brinquedos, ministrada pela professora Helene Sacco.

Qual é a imagem que resiste ao meu olhar? Quanto dura a sedução da imagem? Somos mediados por imagens em tempo integral e, assim como as inventamos, intrinsecamente somos inventados por elas: um sapateiro não faz unicamente sapatos, mas o ato de fazer sapatos faz dele um sapateiro (FLUSSER). Trazendo essa frase para perto, quero dizer que o que existe no mundo e nos causa interferência é o que nos inventa, faz de nós quem somos. A partir desses questionamentos, a ação com o jogo *Um Lugar ao Cubo* buscou levantar reflexões acerca das imagens que nos são postas no cotidiano e que com frequência se transformam em ferramenta da desatenção.

Um Lugar ao Cubo, como se chama o objeto-lúdico, explora a ideia de gratuidade associada ao jogo, em que brincar é uma questão da natureza e elemento da cultura, que possui importância fundamental para a civilização (HUIZINGA, 2010). Um dos propósitos do jogo está em fazer com que os jogadores, na experiência de um olhar mais atento, conseqüentemente se tornem descobridores dos lugares. Como um dispositivo de descoberta ele propõe um encontro com a arte e busca propiciar uma experiência lúdica de desaceleração e descontinuidade aos jogadores, cada vez mais dispersivos pela falta de tempo.

O jogo dialoga com os escritos e as proposições de Hélio Oiticica (1980), pela proximidade da ideia de

uma arte mais próxima do mundo que manifesta o desejo de transformação social e renovação da sensibilidade através de práticas reflexivas (FAVARETTO, 2008). Tais proposições, criadas num momento de repressão e ditadura, onde o sujeito não tinha voz e poder sobre o próprio corpo se fazem mais que atuais, pois hoje ainda vivemos numa repressão velada e complexa, emaranhada no cotidiano que pouco a pouco nos embrutece. Direcionados a um modo de vida regido pela lógica do capital motor, somos submetidos em ciclos de trabalho e consumo que sem perceber nos desumanizam, onde brincar há muito tempo deixou de ser uma atividade levada a sério.

Os desdobramentos do jogo *Um Lugar ao Cubo*, na atividade com os alunos no prédio da Livraria da UFPel permitem analisar as terceiras coisas que surgem entre a ação de jogar e o que é gerado pela troca entre o jogo, espaço e o jogador. Essa terceira coisa é um lugar imaterial de descobertas e de acontecimentos que tem potência em modificar a percepção do jogador e de fazer com que as particularidades do lugar sejam percebidas pelos jogadores, que se opõe a forma mecanizada de transitar sem perceber o entorno.

O sentido do nome do jogo vêm das palavras “lugar” e “cubo”, as quais, emergidas da terceira coisa que surge do jogo em ação, conversam com a ideia de experiência tridimensional, onde o espaço, os passantes, a história do lugar e também o que nos escapa, as imagens, o imprevisível, o acaso, os encontros e contingências vem a fazer parte dessa experiência.

Um Lugar ao Cubo foi construído em formato de dado, do qual a forma que possui propõe e conduz inicialmente a ação no gesto popularmente conhecido

como lance de dados, que dá assim aberturas ao acaso. Em cada face do cubo há uma proposição lúdica de (re) experimentar-se e (re)olhar o espaço através de ações táteis, sonoras e visuais do jogador passante no espaço de passagem. As proposições das seis faces são abertas: deixam lugar para a criação de novas provocações e assim o jogador se torna além de um descobridor do lugar, o novo propositor de experiências. Abaixo, proposições pelas quais o jogo se desenrolou na atividade do projeto *Arteiros do Cotidiano*:

- *Exercício reflexivo: o que você não viu? Retratar algo não visto. Pode ser uma doação, um desenho, uma palavra, um relato.*
- *Faça um relato sobre a sua memória mais antiga.*
- *Se coloque no lugar do fotógrafo e procure o ângulo no qual a foto foi feita*
- *Você já sentiu a textura do chão? E das roupas dos jogadores?*
- *A partir de uma imagem da exposição Circulo das Águas, escolha uma palavra-símbolo equivalente ao que a imagem simboliza para você.*
- *Colabore com um desenho de observação de uma parte do lugar. Pode ser um desenho coletivo.*

Integrado ao fazer lúdico, a ação de jogar complementa a questão do tátil, sonoro e visual para o lugar escolhido para a brincadeira, fazendo do jogo um dispositivo de mediação entre a ação e o saber experimentado. Nele o mediador atua entre arte e vida, como um potencial ativador de lugares e de experiências sensoriais e mentais, despertados a partir de espaços do mundo, onde tanto a fantasia quanto a realidade viram matérias lúdicas. Procuro aproximar a intenção do jogo *Um Lugar ao Cubo* (Figura 1) ao conceito de jogo de Hélio Oiticica.

No pensamento poético do artista propositor, o que interessa para o jogo não é a competição (ganhar ou perder), mas sim o fato de jogar, no qual é possível vivenciar a existência em seu estado mais latente (VOTTO, 2009). Na proposição *Mesa de Bilhar, d'après O Café Noturno de Van Gogh*, 1966, Hélio Oiticica identificou no cotidiano um lugar que o fez lembrar do ambiente da pintura de Van Gogh. A arte para ele estava no mundo, nas coisas do mundo, e foi assim que transformou o lugar, um bar anônimo, em obra-ato, propiciando ao participante uma experiência viva do jogo. Convidou-os a vestirem camisas coloridas previamente determinadas e que viessem jogar normalmente em uma sala com paredes vermelhas e mesa verde repleta de esferas coloridas do Jogo de Bilhar. A cor no espaço vivo e dinamizado pela ação de jogar tornava-se ali uma proposição que unia arte e vida, que se dirigia à vida como experiência estética e poética.



Figura 1: **Giuliana Bruno** *Mediação Artística na Livraria da UFPel*, fotografia, 2016.

Nesse sentido, *Um Lugar ao Cubo* se trata de um jogo que visa a descoberta dos lugares. Ele pode ser jogado em qualquer local, pois o proponente o adapta às questões do lugar para que este seja vivenciado, praticado. A ideia é que as pessoas voltem a frequentar os lugares de forma lúdica e poética e não mais automática. Hélio Oiticica descobriu a proposição Sala de Bilhar, caminhando pela rua, assim como a percepção da precariedade da vida na favela, o samba, a inventividade da arquitetura orgânica que lá se desenvolvia e se construía espontaneamente pelo cidadão comum, o fez perceber o poder da autonomia do sujeito, o valor da sua participação ativa ao seu cotidiano, o fez ver a vida como potência de invenção, influenciando diretamente nas suas proposições. Então, de certa forma, caberia a arte a nos ensinar a ver e a sentir?

A capacidade de perceber o entorno não somente sensibiliza o sujeito, mas o ato de perceber pode mudar o percebido, como diz Michel Serres “quanto mais percebemos o mundo, mais o mundo existe e menos ele se arrisca fracassar” (2013, p.83). As experiências desencadeadas pelo jogo *Um Lugar ao Cubo* podem levar o participante ao encontro com questões e situações que muitas vezes desviamos no dia a dia, sejam elas questões culturais, históricas ou sociais. Esse desdobramento também me permite pensar nesse jogo como instrumento de ensino, como uma tecnologia simples amparada no convívio e ação lúdica pautada por um contexto específico que pode ser: uma praça, um prédio histórico, um espaço de arte, uma rua qualquer, que se torna um lugar ativado, (re)singularizado nesta ação. Esse jogo também se apresenta como instrumento democrático que dá voz e vez a todo aquele que quiser participar. Não tem um número definido de participantes, pode-se jogar sozinho

ou com um grupo de idades e perfis diferentes, portanto ele também acolhe as diferenças e as heterogeneidades, sejam elas dos sujeitos ou dos espaços.

As experiências com o jogo em ação, a partir dos desbravamentos de suas proposições que ensinam a olhar e a repensar o espaço e o corpo, conversam com uma forma de educação necessária para o tempo em que vivemos. Como futuro professor de Artes Visuais, acredito que seja minha função despertar as coisas que ficaram cinzentas na vida. Através de *Um Lugar ao Cubo*, procuro trazer luz a essas reflexões propondo uma educação que na interferência sutil mostre que a vida pode ser melhor.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Acessado em 20 de jul. de 2015. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

FAVARETTO, Celso. **Inconformismo estético, inconformismo social, Hélio Oiticica**, p. 15 - 22. In: Fios Soltos: a arte de Hélio Oiticica. Org. Paula Braga. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organização Rafael Cardoso, Tradução Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva. 2010.

SERRES. Michel. Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma. p.63 - 92 In: **O tempo passa**. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VOTTO, Carolina. **Hélio Oiticica e o jogo como condição estética**. Anais da ANPAP, 2011. Acessado em 20 de jul. de 2015. Online. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/carolina_votto_silva.pdf

O SER PROFESSOR EM MEIO AOS ATRAVESSAMENTOS COTIDIANOS

Bruna Danda da Silva⁵

Juliana Ulguim⁶

O presente artigo versa sobre os inúmeros atravessamentos que ocorrem no ambiente escolar, pensando sobre a formação docente no papel de estudantes do curso de Artes Visuais Licenciatura, impossibilitadas de exercer efetivamente nossa atividade no Projeto *Arteiros do Cotidiano*, devido às ocupações decorrentes da atual situação política no Brasil. Para além de questões individuais, o texto discorre sobre o ser professor na contemporaneidade e as implicações disso na sociedade.

Vivemos num contexto político-educacional emergente, no qual as lutas por melhorias e pelos direitos dos professores vem sendo cada vez mais engajadas, ganhando o apoio dos estudantes que saíram da posição inerte e tomaram a frente ocupando escolas e prédios públicos, demonstrando sua força perante a sociedade. Esse fato é um marco na história da Educação no Estado do Rio Grande do Sul, quando em Maio de 2016 foi deflagrada a greve nas escolas Estaduais devido ao parcelamento dos salários dos servidores e o não cumprimento das obrigações legais pelo Governo. Em apoio aos professores, estudantes de Pelotas ocuparam suas escolas realizando atividades de debates e oficinas, onde as ideologias se consolidaram em ações.

5 brunadandas@gmail.com

6 ulguim79@hotmail.com

Em meio a isso, já estava articulada a realização do Projeto *Arteiros do Cotidiano* com uma instituição pública de ensino estadual da cidade de Pelotas, o qual faz parte da disciplina Artes Visuais na Educação III, do curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, uma disciplina de pré-estágio aos discentes. O intuito do projeto é aproximar a universidade da comunidade e propiciar aos estudantes, trocas de experiências em sala de aula. Assim, são realizadas oficinas com dois ministrantes para uma turma do ensino fundamental, onde o tema e o cronograma de cada oficina são acordados na disciplina com todos os grupos.

Neste ano, formaram-se dois grupos, A e B, para atuar no Projeto regidos sob o grande tema **Imagem**. Cada grupo articulou-se em um cronograma onde os subtemas das oficinas determinaram a ordem das mesmas. No entanto, com a ocorrência das ocupações, alguns grupos não puderam efetivamente realizar suas atividades com a turma selecionada nessa escola. Nossa proposta seria uma aula com o tema “Imagem: o Retrato sob o conceito de Bullying na escola”, na qual os alunos fariam um trabalho de desenho de observação do colega utilizando como suporte o papel ofício formato A3 com o recurso do carvão em barras. A ideia era promover o debate e a reflexão sobre esse assunto que afeta o cotidiano escolar, e, principalmente de quem sofre preconceito.

Quando começaram a ocupar o espaço físico das escolas, os estudantes também mostraram seus ideais de pertencimento daquele lugar. A atitude de empoderamento de questões complexas lhes garantiu potência enquanto movimento que luta por uma educação de qualidade. No mundo contemporâneo onde tudo se dá em rede, não somente redes virtuais, mas no sentido de co-

nexões culturais, sociais e políticas, percebeu-se na prática o significado de tais apontamentos. Essa atitude refletiu em diversas outras redes, as quais foram afetadas positivamente e negativamente. A comunidade envolvida com esse acontecimento teve de se reorganizar.

Antes mesmo de ser deflagrada a greve, já havíamos enfrentado outro atravessamento no nosso planejamento. O Projeto teve sua atividade inaugural normalmente dentro do cronograma pré-estabelecido. Na semana seguinte, quando fomos colocar em prática nossa proposta, a Escola estava se preparando para as festividades do “Dia das Mães” e os alunos não foram liberados para participar da oficina. Por falta de comunicação, deixamos de executar a atividade, prejudicando o andamento do grupo do qual fazíamos parte. O fato provocou inquietações e questionamentos, será que a Escola não está ciente da importância dessa relação entre a Universidade e ela? Qual a relevância no contexto escolar da realização de Projetos de Extensão? Como é tratada a disciplina de Artes Visuais na Escola? Qual o papel da Universidade? O que é ser professor? Qual o papel docente atualmente?

É importante discutir o papel docente, onde o ser professor atualmente requer muito mais uma postura reflexiva do que impositiva, como era no início do século XIX. Irene Tourinho, Doutora, pesquisadora da formação docente, cultura visual e currículo, afirma que:

Discutir questões relativas às condições sociais e culturais que envolvem professores e alunos neste esforço para fortalecer pontes entre experiências internas e externas às escolas pode contribuir para maior efetividade de políticas de compromisso social e parcerias, caso as instituições queiram se ajudar para enfrentar os desafios e paradoxos contemporâneos (TOURINHO, 2013. p 16).

Outrora os entendimentos sobre a Educação e o Professor eram de um sistema rígido de transmissão de conhecimento por um único ser o qual detinha de forma autoritária o poder em sala de aula. A partir do final do século XX, com o aprofundamento das teorias sobre ensino e aprendizagem, essa visão centrada ofuscou-se formando novas concepções. Entretanto, ainda hoje, no século XXI, nos deparamos com situações que colocam em prova o discurso acadêmico. A instituição escolar ainda sobrevive enraizada no passado e proclama um discurso falido no sentido de que pensa a Educação como forma de aquisição de conteúdos e não do posicionamento crítico/reflexivo e da troca de experiências com a rede. Na contemporaneidade vivemos em um sistema de inter-relações o qual é movido pelos ideais de igualdade e liberdade. As práticas pedagógicas deveriam acompanhar o seu tempo, assim não faríamos mais esses questionamentos e avançaríamos socialmente.

Se a Escola ainda está caminhando, os estudantes já estão correndo atrás de seus propósitos. As ocupações revelam que os estudantes estão se organizando e lutando pelos seus direitos e a Escola está a parte disso. Ao invés de caminharem juntos, o que se viu nesse episódio foi um engajamento maior por parte dos estudantes do que dos professores e gestores escolares. No caso da Escola participante do Arteiros, houve respeito às ações dos alunos, porém faltou união entre a instituição e os ocupantes. Os mesmos se empoderaram de parte da Escola, permitiram que algumas oficinas fossem realizadas no sentido de que se ampliassem a discussão político-educacional e propiciassem maior visibilidade ao movimento.

Enfim, a Universidade deveria ser o local mais preparado para enfrentar estes acontecimentos. Deveria, mas não está. Assim como a Escola, a Academia, mesmo com implantação de projetos de extensão, ainda caminha paralela à comunidade. Muitas vezes o que se discute não é levado para fora e quando ocorrem esses atravessamentos, não estamos preparados para driblá-los, tão pouco sabemos como contribuir.

Colocar-nos diante de temáticas que desenham nosso viver contemporâneo nos ajuda a criar propostas para lidar com questões fundamentais, enfrentando-as e problematizando-as. A produção, circulação e socialização de saberes e práticas culturais depende dessa possibilidade de tematização e problematização, tarefas que são responsabilidades do ensino, da formação, das formas interativas de experimentarmos a nós mesmos, aos outros e ao mundo (TOURINHO, 2013. p 20).

Pensando a formação docente nesse contexto, é visto que há a necessidade de mais contato com o cotidiano escolar. Sendo assim é de suma relevância que estejamos interessados em dialogar com aqueles que fazem parte do meio ao qual estamos buscando nos inserir. Tourinho (2013) afirma que essa reflexão “exige uma capacidade de agregar ao trabalho educativo experiências de vida que possibilitem um sentido de pertencimento, de reconhecimento individual e cultural, social e coletivo, simbólico e afetivo”.

Logo, se compreende que numa rede de relações, todos os grupos devem estar conectados para se dar efetivamente a interdisciplinaridade. Embora não tenhamos realizado nossa proposta, a experiência de participar de um momento histórico no âmbito Estadual aponta para o que Edgar Morin (1998) discute no texto Complexidade e Liberdade. O autor nos diz que uma sociedade com-

plexa é livre, produz conhecimento e deve ser solidária. Uma sociedade que pensa, e mais ainda, reflete sobre o que pensa, se torna livre na medida em que produz um conhecimento consciente sobre suas ações que reverberam em sociedade. Assim,

Conhecer é também uma estratégia, que pode se modificar em relação ao programa inicial, que é flexível e leva em conta o que chamo de ecologia da ação. Sabe-se hoje que uma ação, lançada ao mundo, entra num turbilhão de interações e retroações, que podem se voltar contra a intenção inicial (MORIN, 1998, p.7).

Conforme os versos de Tourinho, o professor tem que estar ao lado do aluno para que este tenha e possa ter boas reflexões para melhor entendimento do que se está advindo e qual postura assumir frente a isso. Entendemos que nossa ação foi atravessada por uma questão maior e que modificar o planejamento inicial não seria um problema e sim uma oportunidade de aprendizagem.

Referências

MORIN, Edgar. **Complexidade e Liberdade**. THOT: São Paulo. Ed 64, 1998, p 12-19.

TOURINHO, Irene. Artes, Atualidade e Ensino. In: CUNHA, Daiane Solange Stoeberl da (org.). **Arte, Atualidade e Ensino**. Guarapuava: Unicentro, 2013. p. 11-21.

POP ART, FROTAGEM E XILOGRAVURA COMO FONTE DE REFLEXÃO SOBRE IMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Cristina de Melo Seabra⁷

Vanda Maglione de Moraes⁸

É importante ressaltar que o enfoque deste trabalho refere-se à oficina de subtema “Imagem, uma criação”, a qual consiste da apresentação de artistas da Pop Art, com ênfase em Andy Warhol, que entendia as figuras públicas como impessoais e vazias, assim como produtos de consumo e de massa. Para reproduzir texturas, utilizamos a *frottage art*: processo xilográfico que era usado como meio de divulgação das obras de artistas no século XV e de produção em massa.

O conjunto de práticas visa problematizar o uso excessivo de imagens. A grande maioria dos alunos espelha-se em figuras públicas, sem o menor discernimento dos critérios utilizados para as devidas finalidades e, com esta oficina, que é uma sequência dentre outras abordagens do tema imagem, sugerimos alguns materiais alternativos para as práticas, as quais não são comumente adotadas dentro da respectiva escola, promovendo assim uma contextualização mais contemporânea para reflexão do tema proposto.

A pop arte surgiu na década de 50, e tem este nome por ser uma arte “popular”. Esta popularidade não se refere ao fato de ser uma arte que todo mundo “usa” ou produz, mas sim ao fato de que ela se apropria dire-

7 anauchihaa@gmail.com

8 vandamaglione@gmail.com

tamente de figuras públicas, populares e massivas, das quais todos tem conhecimento. O objetivo principal destas apropriações está ligado à crítica que o movimento artístico fez contra a massificação da cultura popular capitalista da época. O resultado disto tudo seria uma aproximação da arte com a vida comum, com signos, consumismo e cultura de massa.

Temos na Pop Art diversos artistas que trabalharam o principal conceito do movimento, porém, utilizamos apenas um para trabalhar na oficina. A escolha se deu por Andy Warhol, o principal artista da Pop Art, que trouxe com suas obras a mesma crítica que o movimento artístico propunha. Warhol nasceu na Pensilvânia, em 1928, e além de artista foi designer e cineasta. Os seus trabalhos eram produzidos com diversas linguagens artísticas, dentre elas a colagem e a serigrafia. O artista criticava a sociedade de consumo, com o objetivo principal de aproximar a arte da vida comum. As suas obras possuem uma grande repetição de imagens de figuras populares, que se tornam banalizadas, impessoais e vazias, como afirmava o próprio Warhol. Com esta ideia, partimos para a oficina, onde propomos a atividade com foco na produção de imagens, utilizando um processo semelhante a xilogravura, onde é possível trabalhar com a repetição de imagens. Também trabalhamos com a frotagem, onde temos a possibilidade de nos apropriarmos de imagens já existentes nas texturas de diversos lugares. Com isso, podemos relacionar os trabalhos à ideia de Andy Warhol e à Pop Art em si, fazendo com que os alunos reproduzissem uma imagem.

A gravura em metal, processo escolhido para uma das atividades práticas de nossa oficina, é uma das mais antigas técnicas de gravura, datada a partir de 1500. Sa-

be-se que seus primeiros registros se deram na Renascença, com o alemão Albrecht Dürer. Este foi o primeiro a estabelecer o chamado “direito de propriedade artística”, pois já marcava sobre as pranchas de madeira seu monograma, declarando-se autor do desenho e registrando, assim, a autoria de sua ideia. Isto exigia muito dele, pois era onde constantemente se testava, experimentando formas.

A xilogravura no Brasil foi muito difundida no Nordeste e sempre associada à Literatura de Cordel, no final do Século XIX passaram a ser utilizadas na produção de capas dos folhetos. Anteriormente, a xilogravura tinha uso considerado “menos nobre”, como a confecção de rótulos de garrafas de cachaça e outros produtos. Sua grande popularidade veio com o Cordel. A origem da xilogravura nordestina até hoje é ignorada. Acredita-se que os missionários portugueses tenham ensinado sua técnica aos índios brasileiros, como uma atividade extra-catequese, partindo do princípio religioso que defende a necessidade de ocupar as mãos para que a mente não fique livre, sujeita aos maus pensamentos, ao pecado.

Os primeiros livros tabelares surgiram na Holanda, na metade do século XV. Eram manuais dirigidos ao baixo clero para pregação popular e utilização em escolas, compostos por ilustrações e textos curtos escritos em latim. Hoje temos uma construção desenfreada de autoimagens feitas por adolescentes e crianças, pois, eles têm acesso a todo tipo de imagens, que normalmente são criadas para as mais diversas finalidades, tais como para consumo de produtos. Porém, estas consistem em afirmações religiosas, estereótipos, xenofobia, e inclusive apologia à prática do bullying, entre outras.

Os veículos mais eficientes são as mídias sociais, sejam elas quais forem. O uso de imagens já existentes, sem a consciência e questionamentos necessários, é bastante perigoso, pois é através delas que muitas vezes as crianças e adolescentes criam suas imagens, sem ter a consciência do que realmente querem transmitir de si, e por consequência, acabam se tornando vítimas de suas escolhas “induzidas”.

Relatos da atividade

Chegamos no local e entramos em uma sala que era o refeitório da escola. A sala continha mesas grandes dispostas ao redor, e bancos espaçosos. Colocamos os materiais, que seriam usados depois, em cima das mesas. Após reunirmos todos os alunos na sala, iniciamos com um comentário sobre o projeto Arteiros e fizemos uma breve apresentação do nosso tema. Neste momento, os alunos já estavam sentados, dois permaneceram em pé, e todos ouvindo atentos. Tivemos a sorte de ter disponível na sala um projetor, que foi utilizado para exibir nossos slides, pudemos mostrar imagens da Pop Art e contexto histórico das técnicas a serem trabalhadas. Os alunos, então, puderam observar atentos as figuras e tiveram a liberdade de fazer comentários – e em alguns momentos conversaram entre eles sobre o que viram. Mostramos, além das imagens, alguns materiais de xilogravura que levamos, e estes chamaram muita atenção. Cada um observava o material e passava adiante para o outro averiguar. Após o slide terminar, surgiram algumas perguntas: um aluno, por exemplo, perguntou que tipo de madeira poderia ser usada para a xilogravura em madeira ou se qualquer uma servia; outro, perguntou se Andy Warhol havia criado o símbolo da Coca-Cola. As questões foram devidamente respondidas e em seguida par-

timos para a primeira atividade, que envolvia frotagem. Neste momento, infelizmente, alguns alunos tiveram que partir, pois já haviam dormido na escola e precisavam ir para casa por motivos importantes, portanto, restaram apenas três para as atividades.

A primeira atividade consistiu em pedir aos alunos que saíssem por dentro da escola para fazerem frotagens em papel com giz de cera – disponibilizados por nós –, e podiam criar algo da maneira que quisessem, abstratas ou figurativas, contanto que tivesse relação com eles mesmos. Demos meia hora para que fizessem isso, e todos terminaram antes do tempo. Depois pedimos para que mantivessem os seus trabalhos consigo para que no final da oficina os comentássemos. Logo após, partimos para a segunda atividade, que era fazer uma gravura em caixas de leite, processo da gravura em metal. Convidamos todos para sentarem à mesa onde estavam dispostos todos os materiais que levamos. De início, explicamos o primeiro passo: desenhar na parte metálica da caixa de leite com o auxílio de um prego (matriz para a gravura). Os três começaram a desenhar, não impomos tempo desta vez. Não conversaram entre eles, e pareciam estar desenhando o que vinha na mente. Disponibilizamos também um isopor para que observassem outra possibilidade de material como matriz para a gravura. Um aluno, em certo momento, comentou ter tendinite nos dedos, então decidiu não fazer mais esforço com os dedos e entendemos a situação, oferecendo o um pedaço de isopor para que testasse este material como matriz. Eles puderam sentir a textura que ficava na matriz, perceberam que conforme a força exercida sobre ela o traço ficava diferente. Depois de terminarem esta etapa, pedimos para que cada um fizesse o processo seguinte: passar a tinta sobre a matriz com a ajuda de

um rolo. Disponibilizamos duas cores (verde e preto), as quais puderam misturar. Nós duas explicamos a importância do passo a passo para a impressão, para que percebessem a sutil diferença que há na intensidade do traço e como ele se comporta com a tinta e como se projeta no papel. Surgiram novas perguntas por eles e estas também foram respondidas.

Após a segunda e última atividade, pedimos aos alunos que, por fim, comentassem sobre os seus trabalhos. Ouvimos comentários sobre esta ser a parte mais “chata” do trabalho, pois muitos não gostam de falar a respeito do que fizeram por vários motivos, mas ajudamo-nos, reforçando a importância de se fazer entender, que no caso deles ali, com uma finalidade específica dentro da ocupação, seria verbalizar de forma clara, devido a diferença de visões de mundo de cada indivíduo, e se sentirem à vontade. Algumas de suas falas foram complementadas para que não ficassem “calados” – e funcionou.

O cruzamento de muitas perspectivas atravessa como um todo a construção constante de nossa imagem (Figura 1), seja ela para uma crítica construtiva ou destrutiva. Justamente, é através do conhecimento que esta crítica se torna mais amena e clara.

Assim, compreendendo as lágrimas, o sorriso, o riso, o medo, a cólera, ao ver o *ego alter* como *alter ego*, por minha capacidade de experimentar os mesmos sentimentos que ele. A partir daí, compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito. Se vejo uma criança em prantos, vou compreendê-la não pela medição do grau de salinidade de suas lágrimas, mas por identificá-la comigo e identificar-me com ela. A compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade (MORIN, 2003, p.93).



Figura 1: *Mapa imagético das práticas, colagem de fotos, 2016.*
Foto: **Lucas Machado** Montagem: **Vanda Maglione e Ana Seabra**

A atividade ocorreu de forma tranquila e com uma boa participação dos alunos, levando em consideração a quantidade de crianças, que de início eram sete, e ao final, apenas três. Tais considerações, em termos de quantidade, faixa etária, clima de ocupação, ser um sábado e sem a presença de seus respectivos professores, contribuíram de forma bastante positiva e leve para a realização da atividade prática e exposição dialogada dos trabalhos realizados por eles. Esta experiência nos deixou imensamente gratas pelo fato de eles terem se entregado a algo que não conheciam, e terem agradecido de forma verdadeira por estarmos ali.

Um aluno, inclusive, disse que nós duas poderíamos voltar na próxima semana para fazer outra oficina, pois eles haviam gostado bastante. Claro que nossa realidade nas escolas é outra, com salas lotadas, mas que

em meio à tantas reclamações – e aqui não nos referimos a reclamações desnecessárias – nos fez pensar sobre as formas de abordar os inúmeros temas cotidianos, não só da realidade das escolas, mas também da vida dos alunos, nos referindo a suas realidades e condições, muitas vezes entre abismos de pré conceitos sobre exatamente tudo que os norteiam.

Referências

JANSON, H.W. **História da Arte**, Avenida de Berna - Lisboa, 4º edição 1986.

FERREIRA, Helóisa Pires, TÁVORA, Maria Luiza L. (coord.) **Gravura brasileira hoje: depoimentos**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Oficina de Gravura Sesc Tijuca, 1997.

OSTROWER, Fayga, **Criatividade e Processos de Criação**. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**, Editora Bertrand Brasil LTDA. RJ. 93p. 2003.

A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Andressa Peil Plamer⁹

Luana Boeira¹⁰

De acordo com a turma de Pré-estágio II, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), escolhemos um tema em comum do qual todos abordariam em suas aulas. O tema escolhido foi *Imagem*. Diante disso nos dividimos em grupos, e passamos a elaborar uma aula para as turmas do 5º ano da Escola Felix Da Cunha (Figura 1).



Figura 1: **Lucas Machado**. *Alunos na Ocupação*, fotografia, 2016

Desde o início do curso somos preparados para lidar com os futuros alunos, com os problemas que iremos enfrentar nas escolas, o descaso com a matéria de Artes e como isso irá influenciar na nossa vida como educadores. As propostas recebidas ao longo da trajetória, como futuras educadoras, nos ensinaram a interagir com os colegas e com nós mesmas, a olhar para as coisas de uma forma diferente, e até mesmo nos ensinou a prestar atenção no que deixávamos passar em branco na vida.

9 andressaplamer@hotmail.com

10 Luanaboeira13@gmail.com

Somos duas alunas em formação, uma com alguma experiência em escolas e a outra sem, duas bagagens diferentes mas com ideias parecidas, tínhamos o tema **Imagem** como ponto de partida, e a partir daí o trabalho começou.

A ideia inicial do nosso trabalho era realizar com os alunos uma forma de expressão através de como eles se viam, mas que fosse diferente da que eles estavam acostumados a trabalhar, pesquisamos diversos artistas e o que se encaixou com a nossa proposta foi Giuseppe Arcimboldo, que trabalhava com elementos que correspondessem ao tema retratado e com o momento em que vivia, e como suas pinturas mostravam composições com frutas, legumes, animais e objetos, ele traria um laque maior de opções para a obra das crianças. Como mostra na Figura 2.



Figura 2: **Lucas Machado**. *Graduanda com obras do artista Arcimboldo*, fotografia, 2016

Montamos a proposta que foi: Cada aluno através de materiais como, folhas, galhos, garrafas pet, tesouras, papéis A4 e A3, tintas guache e lápis de cor, iriam fazer uma composição através de uma observação de si

próprio com o intuito de desconstruir o olhar e a **Imagem**, e com isso ampliar o conhecimento deles sobre arte.

Fomos planejando como iríamos por a aula em prática até que ocorreu uma ocupação nas escolas de praticamente todo o estado, feita pelos alunos e alguns professores, que constituía em melhorias na educação e no ambiente escolar, em busca de seus objetivos, onde a escola Felix da Cunha também aderiu ao movimento, fazendo com que o projeto inicial tomasse outra forma, trabalhando não mais com crianças da 5ª série, mas agora com adolescentes do primeiro ao terceiro ano (Figura 3).



Figura 3: **Lucas Machado**. *Alunos na Ocupação*. fotografia, 2016

A partir desses acontecimentos, nosso projeto sofreu mudanças: Os materiais que eles usaram foram os encontrados no pátio da escola e dentro dela, como grama, folhas, galhos, cascas de bergamota, rótulo de refrigerante, canetas e papéis A3. A proposta inicial também foi alterada, agora eles tinham que fazer a composição através de como se sentiam com os problemas enfrentados na ocupação, colocando no papel como eles viam diante dos fatos e do movimento, o que lhes causou surpresa.

A atividade ocorreu de forma tranquila, no começo houve resistência de alguns alunos ao se depararem com algo que eles deveriam criar a partir de suas experiências com a ocupação, ficando subentendido a falta de exercício do pensar. Então deixamos a formalidade entre professor e aluno, colamos as obras do artista no chão e falamos para eles analisarem, partimos para uma conversa amigável, debatemos sobre o que viam e o que sentiam ao olhar as obras, e após alguns minutos de conversa eles se sentiram a vontade para fazer a composição que foi pedida.

A atividade era sobre eles, como eles se colocavam diante de tudo isso que acontecia, como Arcimboldo usava de frutas da estação para compor suas obras, a relação foi essa, apresentar algo novo para alunos que não estão acostumados com a Arte e ligar isso com o momento que eles estão vivendo.

O diálogo fez toda a diferença na nossa proposta, pois o momento em que eles se sentem livres para criar quebra qualquer barreira que havia ali, sem o rótulo de ser uma composição feia ou bonita, e junto com a liberdade de materiais aprender que não se faz arte só com lápis de cor, canetinhas ou temperas, mas que as possibilidades são infinitas. Todos foram em busca de elementos para compor a imagem, o que lhes trouxeram um resultado incrível (figura 4).

A luta deles estava ali, como arte, algo que quando apresentamos a proposta eles não achavam que seriam capazes de expressar. A aula serviu para eles perceberem o quanto a arte é importante e do que ela é capaz demonstrar, a arte como potência. Com a parte prática concluída, foi proposto uma exposição dialogada

das composições, os resultados foram fantásticos. Além de composições muito criativas e materiais bem aproveitados, as explicações foram além do que esperávamos.



Figura 4: **Lucas Machado.** *Composição feita por alunos da ocupação, fotografia, 2016*

Tivemos diversas conversas com eles, e o que mais nos chamou atenção foi saber que eles não possuem aula de artes, uma das alunas nos contou que a professora ia uma vez no mês ao colégio, e os outros nunca tiveram uma aula com ela, e apesar de não terem um contato mais profundo com a Arte, eles sentem falta dela em suas vidas. Conforme os anos passam, ainda enfrentamos os mesmos problemas de quando estudávamos, mas é bom saber que vamos mudar algo em um futuro próximo. Mesmo na simplicidade de uma aula de arte, onde ficamos sentados na rua procurando os ma-

teriais nos quais vamos trabalhar, o aprendizado é contínuo, o modo como eles se expressaram nas caricaturas, e o empenho deles em por para fora todas as angústias e também as alegrias de estarem lutando por algo em que acreditam no papel, foi simplesmente encantador.

Quando colocamos em prática o que é aprendido na teoria em sala de aula, não temos noção do quão gratificante é, ver que uma aula na qual tu trabalhou e se empenhou em fazer para eles deu certo, mostra que estamos caminhando para algo melhor.

Referências

PELLENS, M. J. **ARCIMBOLDO - O Artista das Frutas e Legumes - 6ª Série**. Qasa, 04 abr. 2011. Acessado em 26 mar. 2016. Online. Disponível em: <http://profmarciofm.blogspot.com.br/2011/03/arcimbol-do-o-artista-das-frutas-e.html?m=1>

GUERRA, D. C. **A Arte de Arcimboldo**. Obvious. Acessado em 26 mar. 2016. Online, Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2010/06/a_arte_de_arcimbol-do.html

BLOG. **Múltiplas linguagens e Arcimboldo**: Valorização Estética. Professoras Arteiras, 22 abr. 2012. Acessado em 25 mar. 2016. Online. Disponível em: <http://professorasarteirasaparecidaeflaviana.blogspot.com.br/2012/04/multiplas-linguagens-e-arcimbol-do.html>

MÁSCARAS IDENTITÁRIAS

Lucas Machado Campos

A educação vem sofrendo inúmeros “cortes” deixando os atuais e os futuros professores desmotivados com a profissão, assim como os estudantes, que estão desmotivados com o futuro. Por tal situação, acredito que devemos trabalhar juntos para a construção de uma sociedade melhor. Independente das diversas dificuldades impostas no nosso caminho como aluno/professor, devemos experimentar, educar, aprender e se reinventar.

O projeto de extensão *Arteiros do Cotidiano*, cujas práticas aconteceram durante os meses de maio e junho de 2016, desenvolvido nas disciplinas de Artes Visuais na Educação II e III, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, no Colégio Estadual Felix da Cunha, cumpre bem com esses quesitos. Quesitos que considero fundamentais para a formação de futuros professores, fornecendo uma visão articulada entre teoria e prática.

Nesta edição do projeto planejamos as ações versando sobre o tema ***Imagem***, assunto importante para experienciarmos o futuro campo de trabalho.

Desenvolvimento da atividade Máscaras Identitárias

Durante o decorrer do nosso curso de graduação, discutimos diversos teóricos e teorias, além de muitos temas, visando a sala de aula e seus empecilhos. Nesse sentido, o *Arteiros* busca proporcionar o desenvolvimento de atividades a serem desenvolvidas numa escola, mas

primeiramente essa atividade é aplicada para os colegas de curso, para que tenhamos uma primeira experiência, uma ideia de como acontecerá e uma oportunidade de rever a proposta. John Dewey diz “A meta da vida não é a perfeição, mas o eterno processo de aperfeiçoamento, amadurecimento, refinamento” (RAMALHO, 2011).

A atividade foi planejada durante o 4º semestre pensando no tema Identidade, algo que nos acompanha durante toda a vida e formação do indivíduo. A proposta era o indivíduo trabalhar em uma máscara branca de gesso (Figura 1), refletindo sobre seu processo identitário pessoal com qualquer material que estivesse disponível, para após discutir sobre as escolhas e seus significados.



Figura 1: **Lucas Machado**. *Máscara*, fotografia, 2016.

Do latim *identitas*, a identidade é o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. A identidade também é a consciência que uma pessoa tem dela própria e que a torna em alguém diferente das outras.

A atividade se iniciava com um breve conteúdo teórico pensando nesse desenvolvimento que ocorre com o ser e como ele se modifica em determinados ambientes. Falo sobre o modo que o comportamento se transforma para se “encaixar” em algum local, entre alguns costumes adquiridos através do meio, dependendo do grupo que frequentamos.

Algo que vem a ser de interesse pessoal, afinal, o ambiente no qual ocorre grande desenvolvimento da identidade é o meio escolar onde passamos maior parte da nossa vida. Sobre o assunto Bauman argumenta que:

A essência da identidade constrói-se em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras e considerando-se esses vínculos estáveis. O habitat da identidade é o campo de batalha: ela só se apresenta no tumulto. Não se pode evitar sua ambivalência: ela é uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa a ser devorado. Essa batalha a um só tempo une e divide, suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e complementam-se (BAUMAN, 2005, p.26).

Na segunda parte da atividade, solicitamos dispor diversos materiais para que pudessem então colocar em prática seu pensamento sobre identidade.

A partir disso, pensando no ambiente no qual estavam inseridos e frequentavam naquele momento da vida de cada um. Como conclusão para a atividade, foi aberto a oportunidade para que cada aluno apresentasse seu trabalho feito para os colegas. Assim foi possível conhecer um pouco mais sobre os alunos, perceber as diferenças das pessoas que frequentam o mesmo ambiente e fortalecer os laços de colegas/amigos.

Máscaras indentitárias aplicada na escola

Na disciplina Artes Visuais na Educação III nos preparamos para por em prática a atividade, a qua seria adaptada para o 5º ano da escola Felix da Cunha, relacionada ao tema *Imagem*, escolhido para nortear as atividades em 2016. Procuramos trazer exemplos próximos da realidade dos alunos, relacionando assim identidade, Imagem e atualidade para que não ficassem confusos ou que à atividade se tornasse maçante, pois “O professor que desperta entusiasmo em seus alunos conseguiu algo que nenhuma soma de métodos sistematizados, por mais corretos que sejam, pode obter” (DEWEY, 1979, p. 6).

A atividade correu tranquilamente, os alunos corresponderam de forma melhor do que a esperada, ainda assim seus projetos demonstraram-se mais complexos; apresentaram dificuldades em pensar nas suas composições, porque nunca tinham feito uma atividade tão diferente, não eram muito familiarizados a trabalhar com tinta o que fez com que ficassem muito animados, mas demonstraram dúvidas no que fazer com a composição, pois sentiam dificuldades em pensar na própria identidade deles. Decidimos conversar com os alunos e pensarmos em conjunto características pessoais de cada um deles e o do grupo, até que conseguiram planejar seu próprio projeto chegando a conclusão de que são parecidos e ao mesmo tempo tão diferentes como turma/aluno, pois possuem diversos fatores em comum e ao mesmo tempo tão diferentes, sentiram-se mais a vontade quando a professora da escola que estava presente na atividade resolveu se juntar aos alunos e fazer uma máscara, deixando eles mais a vontade e menos envergonhados (Figura 2).



Figura 2: **Lucas Machado.**
Confecção de máscaras, fotografia, 2016.



Figura 3: **Lucas Machado.**
Máscaras, fotografia, 2016.

Com a conclusão da parte prática foi proposto para que apresentassem os resultados e as escolhas que montaram a composição. Em âmbito geral, eles manifestavam que o resultado de suas obras era porque gostavam das mesmas coisas, ou porque gostavam de tal cor e essa cor significava algo para eles, o que me lembrou das cores e seus sentimentos e significados. Mesmo as explicações sendo as mesmas, foram expostas a eles e salientadas que mesmo eles sendo tão parecidos os resultados eram tão diferentes e possuíam características próprias. Como mostra na Figura 3.

Com essa atividade eles conseguiram se aproximar mais como colegas e amigos, conhecendo um pouco mais da identidade individual de cada um e a identidade coletiva de todos. Também posso afirmar, como aluno do curso de Artes Visuais Licenciatura que venho construindo minha identidade também no ambiente escolar em que tenho frequentado, assumindo uma postura diferente, mais madura e aberto à experimentar, errar, aprender e melhorar o que tiver ao meu alcance, para que assim eu possa me tornar um profissional mais capacitado para enfrentar melhor essa educação que está tão fragilizada com tantos danos na política brasileira. Isso, pois:

Analisar como o ser-professor se narra e interpreta-se como sujeito na profissão, tendo em vista compreender de que maneira esse profissional constrói a identidade pessoal/profissional, sendo capaz de afirmar-se ou negar-se como sujeito dentro do sistema-escola (FERREIRA, 2006, p.6).

O projeto trouxe essa experimentação para os alunos da licenciatura em Artes Visuais, mesmo alguns não tendo obtido em suas oficinas, o projeto cumpriu com seu propósito de proporcionar experimentação, troca, adaptação e aprendizado.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

FERREIRA, M. A. **Ser-professor: construção de identidade em processo autoformativo**. 2006. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo.

RAMALHO, Priscila. **John Dewey**. Educar para Crescer, São Paulo, 01 jul. 2011. Acessado em 14 out. 2016. Online. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/john-dewey-307892.shtml>

RELAÇÃO EXTRAMUROS: ARTE E IMAGEM-IDENTIDADE ENTRE ALUN@S, PROFESSOR@S E FUTUR@S PROFESSOR@S DE ARTES VISUAIS

Ítalo Franco¹¹

Yanne Roberto¹²

Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas (BRASIL, PCN, 1997, p. 22).

Quantas das vezes, nós como discentes em meio ao caminho do curso, questionamos nossa presença, na relação da teoria com a prática, referente ao que estudamos. Perguntas variadas que estão mais presentes aos alunos de graduação que cursam a licenciatura. São muitas palavras, teóricos, leis, discursos, que muitas das vezes ficam guardados dentro da própria universidade. É de fato e fundamental estar sempre a discutir nossa função de universidade e conexões de forma interdisciplinar com a sociedade em geral.

Aplicar a formação em artes visuais fora do campus, como, por exemplo, em estágio ou oficinas, já é meio caminho andado para tornarmos futur@s professor@s em sala de aula, uma vez que temos contato direto com nosso alvo de ensino, antes do término do curso, ou no caso, de alguns alunos até mesmo antes do estágio, proporcionando mais segurança e experiência para

11 italofrancocosta@gmail.com

12 yanne.alves@gmail.com

quando formos lecionar de fato. Essa experiência foi proporcionada por um conjunto entre ensino-pesquisa-extensão, pelo projeto de extensão *Arteiros do Cotidiano*.

O percurso entre a escola e o campus da universidade é de poucos minutos, os quais fazem muita diferença para complementar a educação formal (Ensino proporcionado dentro da instituição escolar). Se pararmos para recordar, todos os momentos que vivenciamos além da sala de aula, alguns ruins, outros bons, onde todas as experiências e situações diversas, no fim, auxiliam no desenvolvimento coletivo do indivíduo, inclusive ao levarmos os alunos para o campus, quebramos o tabu de que as instalações da universidade são para poucos, um ambiente com ares de elitismo. Trazemos para as crianças uma realidade e oportunidades que elas desconhecem. Inclui-se nesse caminho de novos olhares: a escola, a rua, o tour aos alun@s do colégio Felix da Cunha pelo Centro de Artes (Figura 1), a sala de oficina, a rua e o retorno a escola.

Com a temática “imagem e identidade”, foi planejado uma atividade que buscasse discutir entre os próprios colegas de aula, a criação da própria imagem, por um desenho identitário, usando a aquarela como técnica. Através de um desenho figurativo ou abstrato eles desenhariam como viam o outro colega escolhido anteriormente mediante sorteio.

O desenho é um meio de manifestação/comunicação, uma linguagem fundamental ao ser humano em todos os tempos, o principal porto-seguro nas artes visuais. Mas nem todas as pessoas conseguem ultrapassar esta fase. O processo criativo tem o intuito de expressar as emoções e pensamentos através da liberdade de imaginação.



Figura 1: **Lucas Machado**. *Tour da turma pelo Centro de Artes da UFPel*. Fotografia, 2016.

Cabe ao educador entender esta relação de sensibilidade ao universo gráfico infantil que o sistema escolar por vezes bloqueia, desestimulando o prazer do fazer da criança, pois não existe uma técnica específica para desenhar. Desenho é uma marca, uma escritura pessoal, cada criança tem a sua própria forma de se expressar.

Além do conhecimento de si mesma, que a criança tem ao desenhar, ganha compreensão do mundo. Ela desenha porque existe desenho no mundo. Aprende a ver e a executar o que vê. Tende a assimilar níveis de conhecimento e produção artística e estética cada vez mais complexa, agindo sobre os objetos de conhecimento (desenhos) de diversas culturas, tempos e lugares (IAVELBERG, 2006, p. 24).

Durante a oficina percebemos que as crianças tinham bastante dificuldade de criar coisas, se não

fossem induzidos a fazer, além de uma grande insegurança, pois não acreditavam que desenhavam bem. Possuíam um alto julgamento elevado. O uso da imaginação livre é pouco explorado pelos professores em aulas de arte, todos nós já tivemos que fazer em algum momento de nossa formação básica algum “trabalhinho” pré-definido, geralmente pintar um desenho impresso, o que para um estudioso da arte é como a morte da criatividade, da sensibilidade. No começo a ação deles foi bem tímida, mas quando a professora se juntou a oficina, eles se sentiram mais à vontade. Cada um desenhou da forma que queira @ amigo @ secreto, usando a pintura de aquarela com os materiais levados por nós. E a parte mais interessante foi deles (alunos e professora) se descrevendo uns para os outros. Foram muitas revelações expressadas naquele momento, e uma oportunidade única para eles perceberem como são vistos pelos colegas.

Em um depoimento gravado ao final da oficina a professora demonstra não só a importância deste trabalho de extensão, mas também a atividade em si para reconhecimento do outro e a socialização entre a turma:

Uma coisa que eu achei bem interessante, que mexeu muito com a personalidade de cada um, que é tão difícil a gente colocar o que pensa do outro, principalmente o que eles pensaram de mim, isso ajuda muito até, por que as vezes temos uma visão de aluno muito diferente, e as vezes eles ficam acanhados de contar como eles veem a gente. Foi muito bom, muito prazeroso, principalmente o que eles falam e pensam do coleguinha. Principalmente trabalhar com esse lápis que não faz sujeira que eu adorei, que é o lápis aquarela que nem imaginava que fosse assim e que vou utilizar nos próximos anos para trabalhar com esse lápis.



Figura 2: **Lucas Machado**. Alun@s e professor@ da turma da 5^o série do Colégio Felix da Cunha na atividade de aquarela. Centro de Artes – Rua Alberto Rosa, 62, fotografia, 2016.

Conseguimos perceber também, o quanto as palavras e as ações de um@ professor@, podem ser decisivos para @s alun@s, porque na maioria das vezes acabam usando-os de exemplo, ou mesmo cópia. E é neste cenário, que recorro de Ranciere quando descreve sobre a distribuição de papéis, daquele que ganha status de mestre do saber, dentro e fora da escola. Qual é a função do professor perante vários novos indivíduos e suas particularidades para o mundo? “a nossa tarefa não é transformar os espectadores em atores e os ignorantes em cientistas[...] todo o espectador é já ator da sua história; todo o ator, todo o indivíduo de ação, é já espectador da mesma história” (2008, p. 28). Desta maneira, não podemos negar que somos todos membros de um corpo coletivo, participantes da mesma performance, do mesmo percurso e conhecimento.

Referências

BRASIL (Ministério da Educação e do Desporto). **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. Brasília, MEC, 1997.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança. Prática e Formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

RANCIÈRE, Jacques (2008), **O Espectador Emancipado**, trad. J. M. Justo, Lisboa, Orfeu Negro, 2010

RELATOS DE FUTUROS(AS) PROFESSORES(AS)

Daisiane Robaina¹³

Juliane Falcão¹⁴

Liber Bermudez

O presente trabalho consta em um artigo elaborado para disciplina de Artes Visuais na Educação III, ministrado pela professora Claudia Brandão, no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. O mesmo refere-se a um relato de experiência vivido nos últimos meses, durante o projeto *Arteiros do Cotidiano*, onde em meio a crise política brasileira, escolas e universidades encontram-se ocupadas. Assim, relatamos a experiência vivida em uma oficina ministrada por nós, bem como a experiência de universitários do Centro de Artes. No mesmo, procuramos também discutir previamente conceitos acerca da **Imagem**, tema central do nosso projeto, pois o conceito de **Imagem**, parecendo à uma primeira abordagem de simples definição, revela-se, após um estudo mais aprofundado, como de difícil precisão.

Em meio a uma crise política econômica e social enfrentada pelo Brasil em pleno século XXI, que explode entre 2015 e 2016, nós alunos do 5º semestre do curso de Artes Visuais, modalidade licenciatura da universidade Federal de Pelotas, nos deparamos com um problema ainda mais difícil de ser solucionado, com uma herança de anos de desvalorização da educação, a luta de professores e alunos por um ideal maior, qualidade educacional, o caos está instalado! Professores estaduais

13 Daisiane.s.robaina@gmail.com

14 julianebelem@hotmail.com

sem as mínimas condições de continuarem a ministrar suas aulas, com salários parcelados e algumas escolas em estado precário, alunos preocupados, conscientizados, lutando contra a privatização da educação, decidem ocupar escolas estaduais por todo o Rio Grande do Sul. Tendo como justificativa os cortes fiscais, juros altos, salários atrasados, falta de estrutura e a PL 103/2015. Este projeto de lei trata de um programa governamental denominado “Escola Melhor: Sociedade Melhor” o texto fala sobre a participação de pessoas físicas e jurídicas na contribuição para a melhoria da qualidade do ensino da rede pública Estadual. Aqueles que aderirem ao programa poderão divulgar, para fins promocionais e publicitários, as ações praticadas em benefício da escola, sendo este o único direito adquirido presente no texto.

Já nós da licenciatura, com o semestre em andamento e um projeto de extensão em execução, o *Arteiros do Cotidiano*, fomentado pela professora Cláudia Brandão, executávamos nossas atividades artísticas em formato de oficina, todas as sextas feiras a tarde com a escola Felix da Cunha, escola esta que possui muitos alunos em vulnerabilidade social, então veio a notícia da ocupação. Caiu como uma “bomba” sobre nós, após muita discussão e análise da situação, juntamente com todos os colegas, decidimos apoiar o movimento e ministrar nossas oficinas mesmo durante a ocupação. É claro que as oficinas, que antes eram pensadas para o 5º ano do ensino fundamental, tiveram que ser repensadas e adaptadas para situação dos adolescentes, então seguimos em frente.

Ainda em êxtase político, sem saber ao certo se apoiávamos ou repelíamos o movimento, imaginando que pudesse haver outros meios de reivindicar, tentamos

observar os dois lados da moeda, com medo e insegurança de professores iniciantes, sem saber com o que nos depararíamos, sem conhecer a reação dos alunos e inclusive a incerteza da nossa reação frente ao que encontraríamos, e ao mesmo tempo, movidos por “força maior”, no cumprimento de um pré-requisito acadêmico para nossa formação. No dia 14 de junho às 14 horas aconteceu a tão esperada e planejada oficina. Com alunos de turmas variadas entre 8º ano e 3º ano do ensino médio, surpreendemos-nos muito com a desenvoltura dos alunos que aceitaram a oficina muito bem. Participaram tranquilamente, e possuíam acima de tudo uma visão e opinião política dos acontecimentos, muito mais esclarecidas que as nossas de universitários quase engolidos pelo sistema. Digo quase? Sim, quase, pois estes alunos, os primeiros alunos que alguns de nós tiveram contato direto, fizeram-nos abrir os olhos e enxergar a realidade de outras formas, afinal nem tudo são flores.

Na parte prática de nossa oficina, partimos do tema central do projeto *Imagem*, tema este escolhido em concordância com todos os colegas da turma. A imagem, que era no renascimento, por exemplo, uma soma de conhecimento científico e arte restrita a poucos. hoje se torna uma coisa banal. Todos produzem e consomem imagem a todo o momento. Tudo é visual. Como propôs Fabris: abandonemos o conceito de imagem e passemos a utilizar o termo visualidade. Ela cita ainda um pensamento de Lévi-Strauss (1998, p.31):

A coexistência simultânea de imagens-objeto (fotogramas), de imagens-efeito (planos televisivos) e de imagens-projeto (computacionais ou virtuais) mostra que a materialidade de cada tipo, inerente a determinados sistemas de pensamento e de produção, que devem ser investigados em suas estruturas fundamentais a fim de que a nova visualidade seja percebida como um

momento, crucial sem dúvida, no qual podem vir a se encontrar presente e memória sem necessidade de exclusões mútuas.

Tratamos de ideais de beleza, ideais estes que respeitam os aspectos de relevância que cada época apresenta, é fácil identificar o gosto generalizado por um ou outro tipo físico, dos corpos roliços aos mais secos, das barriguinhas pronunciadas aos abdomens tanquinho, dos seios minúsculos aos bustos siliconados. Mas atualmente qualquer pessoa é dona de seu nariz para decidir se quer frequentar a academia ou viver feliz acima do peso, houve tempos em que ninguém era responsável pelo próprio corpo. Por milênios, a forma física era colocada a serviço de propósitos sociais, militares ou religiosos e atualmente algumas pessoas sofrem as consequências dessa imposição que a mídia tenta fazer.

“Na Pré-História, o corpo era arma de sobrevivência, a fim de caçar e correr dos predadores, mas nas primeiras civilizações, os treinos e as atividades sempre estiveram voltados à necessidades coletivas, como guerrear”, diz Denise Bernuzzi de Sant’Anna, professora de história da PUC-SP, autora dos livros *Corpos de Passagem* e *Políticas do Corpo*. Em outros períodos, a religião moldou a visão coletiva das questões relativas ao corpo. “Como o corpo era considerado sagrado, a Igreja proibia dissecações e estudos de cadáveres” (2014), diz Luís Ferla, professor de história da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Só entre os séculos 15 e 16 despontou uma nova perspectiva, mais individualizada. Um processo que perdura e se radicaliza até hoje.

O Renascimento resgata valores humanistas e artísticos e o apreço pelos padrões de beleza da Antiguidade.

A Virgem Maria, musa dos pintores medievais, cede espaço para representações da deusa Vênus, ninfas e semideuses despidos. As mulheres exibem longos cabelos, formas roliças e voluptuosas e até uma barriguinha pronunciada.

Entre os anos 1920 e 30 surgiu a expressão sex-appeal. Ela tentava explicar a sensualidade no jeito de andar, de falar e até de encarar os homens. Nos chamados Anos Loucos, as mulheres, incorporadas ao mercado de trabalho, adotaram um visual andrógino, com cabelos curtos e seios e quadris disfarçados em vestidos retos. Em 1925, o corte de cabelo à la garçonne era usado por uma em cada três mulheres.

Os astros de Hollywood foram as grandes referências de beleza e forma física durante os anos 40 e 50. Sexy, voluptuosas, com quadris largos e seios fartos acentuados pelos sutiãs com enchimento, divas como Rita Hayworth e Jayne Mansfield encarnaram a femme fatale. Mas a morte prematura consagrou Marilyn Monroe como o maior símbolo sexual de todos os tempos.

Modelos sempre ditaram padrões de beleza. Mas foi diferente com Cindy Crawford, Naomi Campbell, Claudia Schiffer, Linda Evangelista e Kate Moss, as top models da virada dos anos 1980 para 1990. Altas, magras, curvilíneas sem exageros, dominaram passarelas, capas das revistas e campanhas das grandes marcas a ponto de seus anos de glória terem sido batizados de A Era das Supermodelos.

Dada a apresentação do assunto e a discussão, foi pedido aos alunos que fizessem uma colagem de imagens que representasse a sua visão diante a nossa

conversa. Em especial surpreendeu-nos um aluno que ao invés de fazer o esperado, fez um composição de letras dizendo: “O padrão é você quem faz” (Figura 1), demonstrando ser bem esclarecido com uma visão de mundo muito bem definida. Este fato fez com que questionássemos nossa existência, conceitos e principalmente a atuação social, pois o país de certa forma também é você quem faz, nós o construímos juntos.

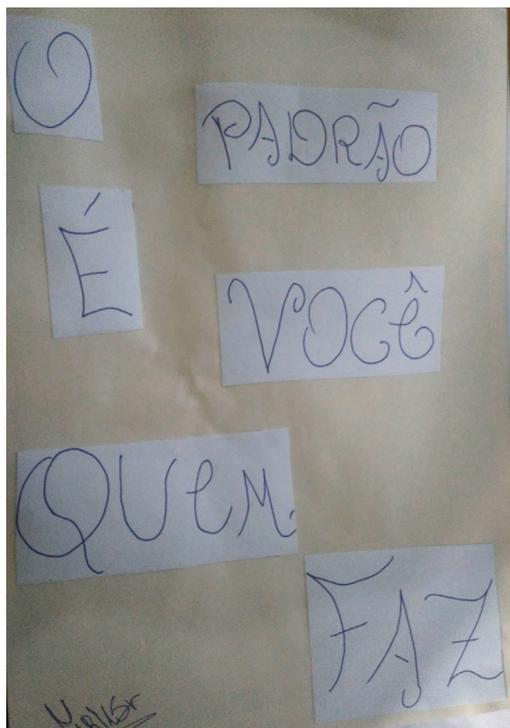


Figura 1: *Colagem*, 2016.

Nossa geração, na sua maioria, não é muito engajada politicamente, aceita tudo que nos é imposto e depois somos os que reclamam por aí. Tal situação permite reflexão, ação. Sair da cadeira, levantar e lutar

pelos nossos ideais. Afinal, seu futuro é você quem faz. Deste dia em diante comprometemo-nos a repensar atos e princípios. Ainda em meio a tudo isso, o caos se instala ainda mais, chega em nossa “residência” digamos assim. Centro de artes ocupado, aulas suspensas, a ocupação chegou até nós, realidades diferentes e semelhantes entre si, a luta por uma educação melhor e para todos.

A ocupação universitária começou com a pauta “Fica PIBID” (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), o qual foi retirado do curso de artes visuais assim como de outros. Além deste fator, tinha-se em pauta problemas de infraestrutura e o fora Temer (atual presidente do país). Protesto legítimo, porém ao passar dos dias, ao meu ponto de vista foi perdendo sentido. Um dos objetivos já havia sido alcançado, o excellentíssimo senhor Temer, presidente da república, volta atrás de seu decreto e assina documento que promete manter o PIBID normalmente até o final do ano. Já quanto a infraestrutura, a essas deveriam ser reivindicadas diretamente a reitoria, pois não cabe aos professores do centro atender questões referentes a mesma, e quanto à Política partidária, nos absteremos neste texto.

Estudantes estes que encabeçavam a manifestação que acontecia no momento, pareciam minoria e mal instruídos em alguns momentos, no entanto, salientamos que as pautas eram justas e plausíveis, porém as formas como se deram as manifestações é que foram equivocadas, a cada dia as pautas cresciam e as críticas ao movimento aumentavam, apesar de serem plausíveis na sua maioria as pautas poderiam ser resolvidas com um diálogo direto com a coordenação do curso, ao menos falando especificamente do nosso curso. Enfim foi um momento de ânimos acirrados, professores e alunos ten-

tando entrar em acordo, e após 2 semanas e meia de ocupação, a luta continuava mas as aulas foram retomadas com intuito de terminar o semestre.

Ainda existem diversos pontos a serem debatidos, porém tivemos um grande ganho, vencemos todos, vencemos? Sim, como relatamos anteriormente, nossa geração não é engajada politicamente, os alunos não se conhecem, não discutem sobre seus problemas e ideologia e não reivindicam seus direitos. Conforme o protesto, decidido pela minoria dos alunos do Centro de artes foi avançando, nós fomos nos sentido sem voz ativa e então muitos dos alunos passaram a participar das assembleias e convocações que antes não participavam, seja para apoiar ou criticar, precisando estar presente e se manifestar, fazer-se representar, enfim tanto alunos ou professores passaram a conhecer-se mais e a lembrar que juntos temos força maior, afinal como diria aquele aluno citado da escola Felix da cunha, a força é a união que faz.

Nossa acepção política deve continuar a ser desenvolvida, devemos ressignificar nossos ideais e acima de tudo sermos unidos e lutar por uma melhor qualidade educacional.

Referências

FABRIS, Teresa, Ana, 1998, Rev. bras. Hist. vol. 18 n. 35 São Paulo <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000200018>

EXPLORAÇÃO COM ARGILA E PRODUÇÃO DE IMAGENS EM REDES SOCIAIS

Denise Lemos¹⁵

Melissa Rovere¹⁶

Neste artigo, analisaremos de que forma a argila pode ser aplicada no desenvolvimento da criança, por sentirmos necessidade de entender qual o valor desse contato e como ela pode ajudar no desenvolvimento da mesma, visando estimular a sensibilidade do aluno incentivando a criar, pensar, sentir e agir de maneira diferente, buscando favorecer o desenvolvimento do potencial criador do indivíduo. Para isso, nos apoiaremos nas ideias apresentadas pelo autor Edgar Morin quando se refere a um estudo sobre o desenvolvimento do pensamento complexo e a fragmentação do conhecimento e também Ferraz e Fuzari quando falam que os trabalhos com argila nas escolas são pouco estudados e/ou pesquisados, e que sua aplicação poderia gerar diversos resultados e aprendizagens significativas para os professores. Geralmente, as atividades se limitam à exploração do material, e estes objetos criados são negligenciados, diferente do que ocorre com desenhos e pinturas, por exemplo. As crianças utilizam a modelagem como uma atividade fabuladora ou expressiva, participando ativamente do processo de criação, produzindo sucessões de imagens, signos, símbolos, que às vezes são mais considerados por ela no momento em que aparecem, do que no resultado final do trabalho (FERRAZ E FUSARI, 1993, p. 53).

15 denlemons@gmail.com

16 melcrovere@gmail.com

Primeiramente, tivemos uma exposição dialogada (figura 1) com a apresentação de imagem e apresentação de materiais.



Figura 1: **Lucas Machado.**
Iniciando a atividade, fotografia, 2016.

Como forma de manter os grupos mais participativos, organizamos as classes no centro da sala, para formar uma grande mesa de uso comum, proporcionando assim uma experiência colaborativa e participativa entre todos. Quando a argila foi apresentada, (Figura 2) a maior parte dos alunos, relatou já conhecer e ter participado de atividades escolares com este material, mesmo assim, pedimos, que observassem, sentissem a textura, a temperatura e o cheiro. Logo após, explanamos sobre os utensílios indígenas feitos com argila. Apresentamos algumas ferramentas e suas utilidades, e também algumas técnicas para utilização deste barro. Propomos que cada aluno, confeccionasse uma peça em formato de utilitário e por votação resolvemos que seria um copo ou uma tigela. Usamos a técnica da modelagem a partir de

uma bola de argila, primeiramente uma bola grande, depois a bola foi dividida por eles em 2 partes.



Figura 2: **Lucas Machado.**

Fazendo a bola de argila, fotografia, 2016.

Com a primeira parte fizeram um utensílio e com a outra parte, fizeram para modelagem com tema livre. No final da atividade alguns modelaram bonecos de neve, placas com seus nomes escritos, corações, etc. Na segunda parte da oficina propomos um jogo onde na argila, os alunos cunharam em três rodela, suas imagens que teriam o significado de suas *selves*. Após, cada aluno pôde trocar seus *selves* com os demais colegas. Fizemos o questionamento sobre redes sociais, quais eles usam, como, porque e com quem? Percebemos que a grande maioria usa o Facebook, whatsApp e Instagram. A partir de seus relatos, mostramos a proporção que toma quando uma foto é enviada para uma rede social.

Para melhor esclarecer, colocamos o mapa mundial no meio da grande bancada de trabalho (Figura3), logo após, simulamos as principais redes sociais, e co-

meçamos a troca dos *selfs* entre as redes sociais, assim tendo muitas vezes suas fotos lançadas em vários pontos do mapa mundial.



Figura 3: **Lucas Machado.**
Mapa mundi, fotografia, 2016.

Após todos trocarem suas imagens, propomos que procurassem no mapa, a localização de suas fotos. Muitos ficaram surpresos ao verem suas imagens em países muito distantes, assim chegaram a conclusão de que suas fotos poderiam estar em qualquer lugar do mundo em poucos instantes e que não estariam somente com o colega da troca. Em uma roda de conversa, foi abordada a proporção que pode um registro fotográfico nas redes sociais, também foi questionado sobre conversas com estranhos, hacker e outros perigos da exposição em redes sociais.

Como conclusão vimos que a experimentação realizada com a modelagem em argila estimula a sensibilidade e a criatividade por meio da linguagem artística vivenciada na transformação da matéria modelada e com significação para a prática educativa do ensino de

arte na escola. Percebemos que apesar da pouca idade dos alunos, eles têm noção dos perigos da exposição de imagens nas redes sociais, e que a maioria deles, mencionou que foi com alguns membros da família que receberam as primeiras informações sobre as redes sociais.

Concluimos que é importante que os alunos sejam conscientizados da importância e dos cuidados da exposição de imagens nas redes sociais e que saibam explorá-los e aproveitá-los da melhor forma possível. A partir desta experiência, sentimos que é necessário para nossa formação como futuras professoras, no curso de licenciatura de Artes Visuais a experimentação de estágios nas escolas, para termos mais habilidade e segurança nesta nova profissão que pretendemos seguir.

A oficina de cerâmica é uma metodologia de ensino que possibilita várias formas de abordagem, aproximando os alunos de diferentes culturas, é um recurso pedagógico que permite trabalhar de forma prática, promovendo a ação, investigação e a reflexão sobre vários temas, neste caso, conseguimos, a importância dos cuidados com imagens em redes sociais. As oficinas permitem praticar e entender de forma diferenciada, o que geralmente é apenas teorizado nas aulas, possibilitando uma nova forma de ensino aprendido.

Referências

JANSON, H.W. **História da Arte.**, Avenida de Berna - Lisboa, 4^o edição 1986.

OSTROWER, Fayga, **Criatividade e Processos de Criação.** Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

MORIN, Edgar. A cabeça bem feita, Editora Bertrand Brasil LTDA. RJ. 93p. 2003.

Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003; Kreppner, 1992, 2000

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo.;FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança. Prática e Formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

GABBAI, Miriam B. Birmann. **Cerâmica Arte da Terra**. São Paulo, SP: Callis LTDA, 1987.

Edilson Carlos, Leandro Manuel, Victor de Toni - USO DE REDES SOCIAIS NO PROCESSO ENSINOAPRENDIZAGEM: AVALIAÇÃO DE SUAS CARACTERÍSTICAS.

Produzido por:
Editora Caseira
www.editoracaseira.com
contato@editoracaseira.com

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; CAMPOS, Lucas Machado. (Org.)

Arteiros do cotidiano: ensino, pesquisa e extensão na formação docente, vol. II. Cláudia Mariza Mattos Brandão; Lucas Machado Campos (Organizadores): 1ª edição, Florianópolis: Editora Caseira, 2017.

68p.; il. col.

ISBN 978-85-68923-26-9

1. Arte 2. Educação 3. Cotidiano. 4. Publicação de artista

Primeira tiragem.

Edição de luxo: 30 exemplares

Miolo impresso em papel Pólen Bold 90g, em impressora de jato de tinta pigmentada, costurado à mão. Capa impressa em papel Canson Montval, em impressora jato de tinta pigmentada, revestindo papel Bismark 2mm. Folha de guarda, papel Canson Vivaldi Primary Blue.

Edição econômica: 100 exemplares

Miolo impresso em papel reciclado 75g, em jato de tinta pigmentada, costurado à mão. Capa encadernação brochura impressa em papel reciclado 180g em jato de tinta pigmentada.